

Um jeito comunista de dar à luz: o parto sem dor nos anos 60 na América do sul

Carmen Susana Tornquist, UDESC

carmetornquist@hotmail.com

Carolina Shimomura Spinelli, UDESC

carolspínelli@yahoo.com.br

O presente artigo traz os resultados parciais da pesquisa **Parto sem dor em duas cidades do Mercosul entre os anos 60 e 70**: a relações entre medicina e política, que buscou analisar como se deu o processo de tradução dos métodos de preparação para o parto, conhecido como *método Lamaze*, *psicoprofilático* ou *Parto sem dor*, no contexto da América do Sul, entre os anos 60/70. Nosso propósito é analisar o processo de re-interpretação do método do Parto sem Dor (PSD), tendo por foco o contexto latino-americano (mais especificamente, no Uruguai, na Argentina e no Brasil), buscando perceber até que ponto as redes sociais ligadas aos movimentos comunistas e sindicais eram decisivas nestas viagens¹, e até que ponto os processos de difusão e discussão que envolveram o tema foram se “despolitizando” em função dos vários processos pelos quais a polêmica do *Parto sem dor* adquiriu, inclusive entre setores católicos. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi qualitativa, tendo se concentrado fundamentalmente no seguinte: realização de entrevistas na perspectiva da história oral, com médicos e parturientes que tiveram experiências pessoais com este método, entre os anos 50 e 70, identificação e análise dos livros, manuais e textos que tratavam do assunto naquelas décadas, bem como a análise das representações presentes em revistas não-especializadas, publicadas entre os anos 50 e 70, destinadas a um público leitor de camadas médias urbanas, principal protagonista das mudanças culturais que vinham acontecendo naquele momento e no seio das quais emergiram adeptos e simpatizantes desta *vanguarda obstétrica*.

Tânia Salem situa o parto sem como inaugurador de um ideário muito particular, que teve como desdobramentos posteriores o parto Leboyer, o parto “natural”, o parto de cócoras, e, mais recentemente, o parto humanizado, os quais chamaremos de “partos naturais”, sem pretender “reificar” o atributo natural, mas querendo garantir a esta denominação êmica (nativa) um estatuto empírico e descritivo. As entrevistas e seus contextos foram registrados em diário de campo, tendo

¹ O pressuposto que temos é de que todo processo de tradução e/ou apropriação de idéias, livros e propostas implica em adaptações ou resignificações, que, se de um lado promoveram afastamentos das idéias “originais”, de outro permitem que estas sejam apropriadas de forma mais efetiva por pessoas de outros contextos. Esta é uma questão clássica no campo das letras e da lingüística (dedicadas ao processo de tradução), mas também está presente no campo de preocupações da antropologia, que trabalha com a noção de circulação de idéias e de resignificação, ou seja, esta apropriação de novos elementos por um determinado grupo, mas os recolocando nos seus próprios termos, ou seja, acomodando-os a uma lógica pré-existente.

em vista a importância que tem, para a perspectiva antropológica, o contexto no qual os “recordadores” lembram. Foram feitas nove entrevistas formais: cinco com médicos-obstetras, duas com parturientes, duas com parentes dos médicos já falecidos, e uma com uma enfermeira-parteira. Assim, utilizamos recursos da pesquisa etnográfica, ainda que secundariamente, na realização destas entrevistas, considerando aspectos que contribuem para um melhor enquadramento e contextualização das mesmas. Nas conversas e entrevistas foram solicitadas indicações (e mesmo, empréstimos) de referências bibliográficas sobre o tema, que muitas vezes serviam, também apoios mnemônicos dos informantes, junto com fotos, cadernos e diplomas.

O processo de medicalização do parto vinha acontecendo em vários países ocidentais, desde o século XIX, mas, no caso da França, após a II Guerra Mundial é que essa mudança se consolidou definitivamente, menos em função da obstetrícia, e mais em função dos avanços da medicina como um todo, que melhoraram significativamente as taxas de mortalidade materno-infantil². Estes impulsos disseminaram-se pelos diferentes países, conferindo legitimidade às maternidades e à hospitalização do parto que se tornou um modelo a ser seguido. É neste contexto que surgem os *críticos de dentro* da obstetrícia, entre eles, o inglês *Grantly Dick Read* e o francês *Fernand Lamaze*, que questionavam a intervenção excessiva dos profissionais de saúde sobre o corpo das mulheres. Esses médicos preocuparam-se em recuperar o protagonismo das mulheres no processo do parto, ressaltando que elas detinham condições inatas de – desde que educadas para isto – atravessar o momento do parto de forma não traumática e até mesmo “prazerosa”, ao contrário do que propugnava a Igreja católica e a própria obstetrícia. Um dos alvos principais do Método psicoprofilático do parto sem dor era a crítica ao conhecido vaticínio bíblico, símbolo da noção de *mater dolorosa*, tão cara ao catolicismo: « *Y Dios dijo a la mujer: multiplicaré tus preñeces, multiplicaré tus dolores. Con dolor darás tus hijos a la luz. Te sentirás atraída con ardor por tu marido. Pero é te someterá*”. (*Génesis, cap.I,v.6*). Estes médicos também censuravam as campanhas natalistas dos governos europeus, que haviam marcado o pós-guerra, e faziam críticas a rotinas geradas pelas disciplinas pasteurianas e a submissão da gestante às rotinas e normas médicas.³ Lamaze era diretor da *Maternité de Bluets*, em Paris, mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Paris e pela Central Geral de Trabalhadores, marcada pela doutrina comunista, na época. Lamaze tinha ligações fortes com a Resistência Francesa, com movimentos controlistas, que eram críticos do natalismo oficial novamente reforçado no pós-guerra. Em 1951, ele integrou uma comitiva de cientistas europeus, que visitou a União Soviética, na qual, naquele contexto, as ciências eram alvo de significativos investimentos governamentais. Lá, tomou conhecimento dos métodos usados para facilitar o

² KNIBIHELER, Yvonne. *Histoire de Mères et de la Maternité en Occident*. Paris, PUF, 1990,

³ KNIBIHELER, op. cit. pg. 104.

trabalho de parto, baseados na teoria comportamentalista que se tornara ao longo do regime stalinista, um dos grandes cientistas soviéticos. Ivan Pavlov teve uma enorme importância não só para a sociedade soviética, naquele contexto, mas também na divulgação da produção científica deste país junto ao mundo não-comunista: edições de seus trabalhos eram feitas nas mais diversas línguas, simultaneamente a publicação em russo, e ele mesmo esteve presente em vários congressos médicos e afins em várias cidades da Europa.

Desde o início marcado por seus vínculos com o mundo comunista, na França, o Parto sem Dor (PSD) provocou fortes reações dos setores católicos e os hegemônicos no campo biomédico, tendo ampla repercussão nas mídias da época, o que contribuiu para a uma super-politização do método⁴. Assim, o início da trajetória ocidental do método russo de preparação para o parto se deu no cenário de uma instituição fortemente identificada pelo comunismo, já que a CGT, à época, era comandada pelos comunistas. O Partido Comunista Francês criou um projeto de lei municipal (para Paris), com objetivo de garantir a todas as usuárias dos serviços de saúde, o acesso ao *PSD*. Tal proposta ofereceria às gestantes de seis a oito sessões de preparação para o parto, ministradas por obstetras *e sage-femmes*, bem como garantiria o espaço físico dentro das Maternidades para a realização dos cursos, numa tentativa de universalização desta forma de assistência ao parto. A Lei foi aprovada em meio a grande polêmica: discussões teológicas, científicas, administrativas e técnicas acirraram as controvérsias em torno das quais se aglutinaram duas posições principais: um bloco a favor do Parto sem Dor e, outro, contrário à utilização do método. Entre os defensores do método, estavam os Jornais *Libération*, *L'Humanité*, *Radar* e *L'Espoir*, sindicatos, grupos e partidos de esquerda, entre os estava a Igreja católica, a maioria da categoria médica, partidos conservadores, pró-americanistas e colaboracionistas. Interessante é que o próprio Dick-Read foi resgatado pelos opositores do PSD, chamando a atenção para a existência de um *método ocidental não comunista*, tão ou mais eficiente quanto o de Lamaze. O problema do método seria, então, o fato de tratar-se de uma **forma soviética de parir** – o que, do lado de seus/suas defensores, era visto como um atributo altamente positivo porque isento de vínculos “ideológicos”. Em suas palestras e artigos, Lamaze, leitor atento das pesquisas e debates das mentalidades,⁵ (ele foi um dos cinco primeiros assinantes da revista *Annalles*), recorria, sempre, a argumentos científicos e, mesmo assim, era rechaçado pela maioria da categoria médica da época: “Lamaze pode, mais facilmente que outros de sua época considerar as dores ancestrais do momento do parto como um fenômeno

⁴ GEORGES, Jocelyne, op. Cit..

⁵ Cf. GEORGE, Jocelyne. *Les contestations de l'accouchement sans douleur. Les dossiers de l'obstétrique*, n 319, août-sept. 2003. p. 5.

cultural histórico, e , por isso, suscetível de mudança e de evolução”⁶.

A proposta do PSD era romper com condicionamento das mulheres, sobretudo a de orientação católica, acerca da suposta *vocação* das mulheres para o sofrimento: o medo das dores do parto, inculcado desde séculos, teria criado um reflexo condicionado de contrações, geradoras de sofrimento. Para mudar este reflexo condicionado, seria necessário recorrer aos conhecimentos sobre fisiologia e exercícios de descontração muscular se pode criar reflexos condicionados inversos e suprimir a dor sem anestesia, desde que seja guiada por um médico e uma enfermeira ao longo do processo.⁷ Na capa de um dos livros sobre o PSD, que circulou no Brasil nos anos 50 e 60, os autores explicitam seus compromissos com a ruptura, com as tradições e com o caráter científico do método: “A idéia de que os seres humanos têm de ser gerados em agonia é tão antiga como a memória humana. Mas, como muitas **histórias da carochinha**, é falsa. **A dor do parto pode ser abolida**, e este livro apresenta completa e prática descrição do que promete ser **um dos mais importantes progressos da ciência médica**.”⁸ (grifos meus). Neste mesmo livro, organizado por Pierre Vellay (braço direito de Lamaze na maternidade de Bleuets), consta o famoso Discurso proferido pelo papa Pio XII sobre o parto sem dor, proferido em 1956, em um congresso de ginecologia que ocorria em Roma:

Basta dizer uma palavra de apreciação teológica e religiosa, para que se distinga um valor moral no sentido exato. Apresenta-se muitas vezes o novo método no contexto de uma filosofia e de uma cultura materialista e em oposição à santa Escritura e ao Cristianismo. A ideologia de um pesquisador e de um sábio não é em si uma prova de verdade e do valor do que encontrou e expôs (...). Outros são os critérios de verdade (...). **O cristão convicto não encontra nada em suas idéias filosóficas e na sua cultura que o impeça de tratar seriamente em teoria e em prática o método psicofilático**⁹.

Referência ao apoio papal aparece no livro do Dr. Shor, médico paulista que coordenou a vinda de Lamaze ao Brasil, além de ter estudado com ele na França, onde se vê uma foto do papa, entre alguns dos 700 participantes do congresso, seguida de referências ao reverendo Rouguet, da Bélgica, que teria dito: “é um erro acreditar que a Igreja tenha predileção pelo sofrimento, o que não explicaria o fato de haver fundado tantas instituições de caridade.”¹⁰ As referências ao avanço da ciência e a importância de Pavlov, visto como além da dimensão ideológica, é compartilhada por alguns médicos: “Foram os russos que adotaram as idéias de Pavlov, idéias cientificamente aceitas no

⁶ GEORGES, op. Cit.

⁷ CARON-LEUILLIEZ, M. *Obstétrique et Guerre Froide: La bataille de l'accouchement sans douleur*. In: MUARD, R. (Org) *Pratiques politiques dans la France Contemporain*. Montpellier: Université Paul Valéry, 1995

Cf. GEORGE, J.; LEUILLIEZ, M. *Rupture, utopie, résistance: histoire de l'accouchement sans douleur*. COLLOQUE FÉMINISTE FRANCOPHONE. Toulouse, sept., 2002, p.1. (mimeo)

⁸ VELLAY, Pierre et al. *Parto sem Dor*. São Paulo: IBRASA, 1961.

⁹ Id ibidem, p.155.

¹⁰ SCHOR, Hirsch. *O que é parto sem dor*. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1970 (6 edição), p.16

mundo todo, hoje então, pra lá de bem aceito no mundo inteiro (Dr. Felipe; Brasil). Ou ainda:

O Ivan Pavlov foi um dos grandes gênios da física. E trouxe assim, grandes avanços fabulosos com essas descobertas que fez. Na medida em que os médicos e alunos iam entrando no assunto, eles viam que não, lá é gente como aqui, aqui é gente como lá. **As mulheres sofriam horrores, e passaram a ter partos mais tranquilos e até alegres em muitas vezes, então trouxe benefício no mundo inteiro.** A aplicação das leis do parto, a medicina é que trouxe esse modelo (Dr. Pablo, Brasil).

O contexto da América Latina

Malgrado as históricas disputas por território que marcaram a região sul do país, notadamente o que hoje corresponde ao estado do Rio Grande do Sul e o atual. Uruguai e Argentina, a região do pampa sempre manteve (inclusive através das guerras) uma forte interação entre si, guardando um “ritmo comum”. Partindo deste pressuposto, buscamos verificar até que ponto, no campo da assistência ao parto houve naquele período, trocas e influências recíprocas entre estes três países, tendo por foco os centros formadores de médicos, como Buenos Aires e Montevideo, e, no caso do Brasil, mais especificamente, Porto Alegre. Outro pressuposto com o qual trabalhamos aqui é o de que a própria noção de América Latina é fruto de um processo de construção histórica particular, cuja fragilidade repousa em uma história de colonização originada nos tempos da Conquista, que a fez, tradicionalmente, manter como modelos de desenvolvimento e de comportamento aqueles dos países centrais, pelo menos enquanto modelos, sobretudo entre as elites e as camadas médias. Tal processo de importação de modelos europeus, em um primeiro momento, e, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, dos modelos norte-americanos, fez com que muitas das particularidades e especificidades regionais e locais fossem preteridas pelos modelos hegemônicos; no entanto, nem estes processos se deram de forma absoluta, nem tampouco sem serem resignificados. É possível perceber, os intercâmbios entre os países do sul (e, no Brasil, entre o Rio Grande do Sul): os depoimentos e documentos que coletamos em Porto Alegre, influência esta que não se restringia à medicina *strictu-sensu*, mas também nas suas relações com a psicanálise, que, desde meados do século florescia fortemente nestes dois países. No Rio Grande do Sul as influências com os países vizinhos (Argentina e Uruguai) à época, eram muito significativas naquele contexto, e envolvia não apenas as camadas médias, letradas e intelectualizadas, cujo contato com os países vizinhos se efetua através de seu habitus particular, leitura de livros, assistência e películas, viagens de “lazer” e de estudo, mas também entre classes populares, que, através de suas formas particulares de criação e de comunicação, também fazem parte destes circuitos (rádios, eventos, etc.). A vinda de médicos, psicanalistas, intelectuais argentinos e uruguaios a Porto Alegre, parecia ser freqüente no período considerado: nos eventos promovidos

pela Associação Médica do Rio Grande do Sul, como sugere a documentação analisada e as lembranças dos entrevistados/as, como Marie Langer, conhecida por suas posturas políticas de esquerda e sua importante obra sobre a questão da maternidade, do parto e da feminilidade, e o Roberto Cadeyro-Barcia, fisiologista que coordenava um importante centro de estudos sobre perinatologia no final dos anos 60 e início dos anos 70, no Uruguai. Dos cursos promovidos por este grupo(mais tarde, chamado CLAP), encontramos referências a vários médicos-brasileiros, argentinos e de vários outros países da América do Sul, muitos deles com forte inserção em universidades e em hospitais públicos. A preparação para o Parto sem Dor, feita para as mães e casais, consistia fundamentalmente em uma espécie de curso que era ministrado pelos médicos, e também por enfermeira-parteiros, junto aos gestantes que estavam próximas ao terceiro mês de gravidez. Estas aulas incluíam noções de anatomia, de fisiologia, exercícios físicos. A preparação incluía exercícios respiratórios para a hora do parto:

Eu, quando eu fiz o, o... Cursinho lá. Assisti as aulas sobre o PSD. Eu acreditei plenamente, eu achei que tinha muito que é muito não é, trabalho, base lógica, o fato de a cultura ter colocado dor no Parto, que, enfim, sim podia não ter não. Bom, e eu acho que realmente eu absorvi primeiríssimamente, a as aulas lá e tive muito sucesso no nascimento dos meus filhos. Então quando a minha filha nasceu, eu fiz tudo que mandavam, aqueles exercícios, não é, a respiração primeiro.

Segundo Jaqueline:

Na aula seguinte então eu começava a dar trabalho de parto, o primeiro período do trabalho de parto, que seria então a dilatação e os sintomas e ao mesmo tempo os sinais que tu veria acontecer. Que a paciente poderia sentir. Aí então, quer dizer que ela, ela então aprendia tudo isso e ah, outra coisa, aí depois dessa aula assim de trabalho de parto então eu dava uns exercícios que seriam uns exercícios respiratórios, uma, na aula seguinte. Exercícios respiratórios, pra ensinar o relaxar, não primeiro o relaxamento depois a respiração na mesma aula. Relaxar e respirar. **Então a respiração abdominal pra então manter o, o abdômen longe do útero, pra diminuir a sensação dolorosa.** Aí era uma aula teórica-prática, que as pacientes então todas realizavam exercícios. Eu tinha um sofá lá assim, na saleta que eu dava e aí então elas todas faziam os exercícios, bom. Depois na aula seguinte, antes de elas terem noção da outra aula que seria a da expulsão, de como então funcionava a outra parte do parto, que seria o percorrer do neném através da vagina, então eu fazia elas renovarem os exercícios, então elas estavam aptas a duração de um minuto que era o máximo que poderia durar uma contração uterina. Então elas exercitavam até então durar um minuto a contração. Depois disso então da expulsão, também era explicado a expulsão, e aí terminava essa parte obstetra então vinha, tinha, ou o Dr. Sérgio, ou a minha irmã que também era médica, era pediatra, um deles dava aula de pediatria.

Doris, parteira formada em Montevideo nos anos 50, mas que atuou parte de sua vida em Rivera, fronteira com o Brasil, comenta que o método do parto sem dor foi praticamente “*todo lo que hice toda mi vida profesional*”:

Hacíamos una serie de ejercicios respiratorios[com las mujeres], de cuclillas, el

*gato y el perro, este...el saludo y acostumbrarlas a sentarse a lumbura, esto acá para fortalecer el periné y los muslos y ya posición del parto. Entonces uno mas o menos cada clase, uno les daba una noción les explicaba con libros, con dibujos, etc. etc., entonces uno le iba ayudando, **explicando todo el proceso del embarazo, lo que iban a sentir, después las contracciones.** Entonces **no se decía que no se tendría dolor, sino que se pudeira tener El control .e incluso hablábamos de la famosa, este...**” cuando Eva pecó que Dios le dijo, le castigó le dijo parira con dolor, que entonces le explicábamos que había sido mal interpretado , y que el dolor va a ser , que la mujer va a tener dolor , va pasando de generación en generación. Por que las madres lo primero que dicen “ tú vas a ver lo que es tener un hijo” ¿no?. Mi abuela me decía: “ Ha... tu vai ver o que é ter um filho” Abuela cuantos hijos tuvo? “Quatorze” por que era brasileira, era de Casapava. Y dice catorce y usted esta aqui vivita y coleando. ¿Quién la atendía abuela? “Ah...la Dra. Fulana que era partera... ¿Sí usted tuvo catorce por que yo no voy a tener uno? (Doris, Uruguai)*

Já na visão das parturientes entrevistadas:

Então eles **tentaram tirar esse medo do parto e prepará-las** como é que é, mas ele era um curso muito informativo é aquela história quanto mais você sabe menos medo você tem, então era um curso muito informativo, uma das primeiras etapas era o médico informar as pacientes sobre o que ia acontecer com elas em tudo. Hoje a gente conta tudo de tudo, tem câncer, tem fraco, tem isso, antigamente não contava e o parto era a mesma coisa. **Eu dava cinco aulas, acompanhava no parto, tinha moças que acompanhavam no trabalho de parto das mulheres, faziam partos completamente sem anestesia,** e uma doía mais e outra menos, dependia de cada uma e dependia do parto.

Uma das mulheres que teve seus partos influenciada pelo PSD, conta:

Então eles[profissionais de saúde] desbloqueavam muita coisa e explicavam medicamente como é que a coisa ia, e o curso então como eu disse era uma realimentação, pois a gente ia lá ouvia o que as colegas diziam era tranqüilo, era um grupo pequeno numa sala, deveria ter uns 5 ou 6... E a gente trazia as dúvidas e tal, e basicamente ele não dizia a questão da Dor, porque está muito associado com o Parto sem Dor, mas ele não dizia isso. Eles tinham, uma técnica diversionista, que é fazer a respiração chamada cachorrinho, que eu não sei se saberia o que é isso, cachorrinho, é uma respiração rápida que faz com que tu não pressione o diafragma contra o abdômen, então a respiração ficava mais até a altura do seio, não faz aquela respiração profunda que movimenta o abdômen. Então essa técnica a gente fazia, de respiração, e sabia que isso era o que fazer n hora das contrações maiores, quer dizer a palavra dor não era usada, mas sim contração, então, **tu já te preparavas para alguma coisa natural, não com a palavra dor sempre ligada!**(Lea, parturiente)

Além da questão da preparação física, havia uma preocupação em “desconstruir”- para usar um termo de hoje- as associações entre dor e parto, um dos pontos cruciais que aparecem nas explicações de Lamaze, Velay , Shor, e outros. Tratava-se de modificar a forma de pensar o parto, “modificar” as representações tradicionais sobre este processo:

(...)meu procedimento era assim, a gente organizava cursos para as parturientes para as futuras mães. Então, era uma vez por semana, o período assim variava a maioria tava em início do 3º ao 4º mês de gestação, algumas já estavam mais

adiantadas, mas nunca assim no final. E o curso explicava do ponto de vista médico, anatômico, enfim, todos aqueles detalhes, assim que o médico pode passar para dar uma idéia geral do processo. E depois entrava na discussão do parto em si, como é que eles procediam. **Eu via que eles queriam desbloquear o medo.** Naquela época muito mais que agora, as comadres que diziam faz isso, não faz aquilo, não pode isso, não pode aquilo. Tem que se cuidar, quarenta dias depois que o bebê nasce a mulher não pode lavar a cabeça. Era por aí, aquelas idéias do que vinha da tradição das avós, do senso comum ..(Jaqueline, médica)

Grande parte dos livros que foram publicados sobre o “parto sem dor”, no Brasil, na Argentina e no Uruguai, não eram traduções de Lamaze e de seus colaboradores, mas, livros sobre este assunto, assinados por médicos locais, com algumas referências e dedicatórias a Lamaze, Pavlov, Figuronov e também, Dick-Read. Nos livros em castelhano é comum o termo Parto sin Temor, que remete diretamente Dick-read..Este tipo de publicação, aliada a inclusão da “benção papal” – que encontramos somente nos livros brasileiros - reitera a hipótese de que a tradução de Lamaze ao contexto latino-americano teria subtraído boa parte do peso ideológicos que lhe garantia popularidade na França. Esta é o argumento de Brennes¹¹, cujo trabalho aponta para a inexistência de relação entre o PSD e o comunismo(ou “esquerdismo) no contexto brasileiro. No entanto, tendo por foco o Sul do país(e os demais países do Cone sul) é impossível não atentar para a existência de posturas políticas no mínimo de esquerda (não necessariamente, comunistas), como aliás, era a postura de lamaze) médicos, particularmente no Uruguai, mas também na Argentina, e também no Rio Grande do Sul, parece que a politização do método existia, no sentido de os profissionais que a ele aderiram tinha vínculos bastante fortes com o é uma marca dos ativistas europeus do PSD, sua ligação com movimentos de esquerda, parece ter se perdido no caminho: tal método teria chegado ao Brasil nos anos que antecederam a ditadura militar, e seus seguidores não teriam nenhuma vinculação com movimentos de esquerda do país. Ao contrário, sua simpatia pelo sistema psicoprofilático se justificaria pela neutralidade do método e da ciência, eixo do argumento católico acima citado¹².

No entanto, outros dados apontam para algum tipo de vínculo, sim, com posturas de “esquerda”, ainda que situadas num plano intelectual, para o qual os aspectos inovadores e modernos do Parto sem dor eram de grande significado.

Os dados que coletamos na região sul, e na América do Sul, no entanto, nos sugerem outro caminho: a aqui parece ter havido, sim, algum tipo de vinculação entre dimensão política e adesão ou simpatia ao *Método de Lamaze*. Um dos maiores divulgadores do método no Uruguai, o Dr.

¹¹ BRENNES, A. Histoire de l'accouchement sans douleur au Brésil. *Les dossiers de l'obstétrique*. [s.l.] p. 10-12., août-sept, p. 10-12, 2003.

¹² Id ibidem

Hugo Sacchi, autor do livro que foi reeditado várias vezes, era não membro do Partido Comunista, como também “vereador” eleito antes do golpe militar. Na argentina, os críticos da obstetrícia convencional, ainda que não todos identificados com o parto sem Dor, eram pessoas com claras posturas de esquerda, que sofreram de diversas formas os revezes da ditadura, como Mirta Videla¹³, Julio Pereira, entre outros. O CLAP, centro criado por Roberto Caldeyro-barcia e colaboradores, foi alvo de perseguição dos agentes da repressão, em função das posturas públicas e políticas de seus membros. Segundo o dr. Pablo:

Tinha muita gente comunista. Eu tinha alguns amigos comunistas, que eram tão amigos meus, que achavam até que eu era do partido. Mas, na medida em que eles iam entrando no assunto, eles viam que não, lá é gente como aqui, aqui é gente como lá. As mulheres sofriam horrores, e passaram a ter partos mais tranqüilos e até alegres em muitas vezes, então trouxe benefício no mundo inteiro. A aplicação das leis do parto, a medicina é que trouxe esse modelo.

Na edição de 1986 (25ª) do livro *El parto sin dolor* (a primeira data de 61), o médico Hugo Sacchi diz o seguinte:

*Decíamos que nuestra experiencia como partero había sido confirmada y enriquecida durante el duro pasaje por la tortura y el cárcel. Ante El hecho inevitable al que nos vimos enfrentados, debemos actuar con la dignidad de militante político. Recordamos las clases dadas a alas madres y por eso nos propusimos poner en tensión todas nuestras fuerzas psíquicas para no flaquear. Eramos torturados por nuestra forma de pensar, por luchar por um mundo mejor, um mundo de libertad, de justicias., de paz. Sabíamos además, que éramos muchos que estábamos em uma trincheras. Se trataba de mostrar frente as torturador nuestra firmeza ideológica. Eso era fundamental. Centramos nuestra atención no em La tortura o em El torturador, sino em La decisión inquebrantable de defender nuestra concepción del mundo. Y vencimos. Salimos de la prueba más fortalecidos. **El dolor, cualquiera que sea su causa, puede ser vencido**¹⁴.*

Creio que se pode dizer que a “amnese das origens” que as vanguardas obstétricas posteriores e atuais (com as quais mantém enormes semelhanças) mantém com o Parto sem dor tem fortes vínculos com o processo repressivo e de terror de estado que as ditaduras militares capitanearam no contexto sul-americano, sendo este um dos motivos pelo qual acabou sendo relegado a um des-prestigioso lugar entre aqueles/as que, até hoje, buscam modelos de atenção obstétrica afinada com os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

¹³ VIDELA, Mirta.y Grieco, Alberto. **Parir y nacer en el hospital**. Buenos Aires, Nueva Vision, 1973.

¹⁴ SACCHI, Hugo. **El parto sin dolor**-curso para madres.Montevideo. Ediciones America Nueva, 1961.